



Simpósio

ST 082 Literatura e sociedade

Título

Literatura, cidade e sociedade na América Latina: Angel Rama e *A cidade das letras*

Para pensar a América Latina e o papel das suas cidades na formação de sua identidade, um nome parece ser inescapável. Ángel Rama. Esse crítico literário uruguaio dedicou sua vida a formular uma espécie de teoria da América Latina a partir das Letras e da sua Literatura, militando em torno da ideia da construção de um espaço cultural único, ainda que pleno de especificidades e particularidades. Rama buscou construir esse espaço cultural e social tomando a questão da identidade latino-americana não apenas como algo que se encontrava no passado, desde a recuperação de elementos esquecidos, mas que se construía no presente, a partir de uma ação intelectual engajada e voltada para o futuro, no sentido de uma emancipação econômica e cultural (Aguiar, 2013, p. 34). Dentro dessa trajetória, o livro *A Cidade das Letras (La Ciudad Letrada)*, publicado em 1985, parece ocupar um lugar especial¹.

Propõe-se aqui a leitura do ensaio *A Cidade das Letras*, de modo a entender como Rama constrói a ligação entre cidade e literatura como base de compreensão do que seja a América Latina, ou, dito de outro modo, como a América Latina se constrói como um espaço material e mental, portador de uma identidade cultural única (mas não unívoca). Fazendo uma leitura rente ao texto, quer-se compreender melhor seus fundamentos, buscando ainda aprofundar o conceito de *transculturação*, que Rama formulara inicialmente na década anterior, no ensaio “Los procesos de transculturación em la narrativa latino-americana” (1974), republicado como *Transculturación narrativa en la America Latina* (livro que sai em 1984, reunindo ensaios escritos anteriormente e outros escritos contemporaneamente para compor a obra), e que também subjaz em *La Ciudad Letrada*.

¹ Lançado após a morte precoce de Rama em um desastre aéreo.



Essa obra póstuma, portanto, pode ser lida como uma espécie de balanço de sua compreensão sobre a cultura latino-americana, e o papel da Literatura para o subcontinente, já que ali Rama busca não apenas analisar as obras literárias escritas na América Latina, mas tenta compreender o próprio território que as gestara desde uma perspectiva crítica histórico-sociológica. Se essa perspectiva trazia o risco da generalização – na medida em que compreendia o fenômeno literário de maneira ampliada, vendo a obra literária dentro de um arcabouço ou de um sistema mais geral –, pode-se dizer que sua atuação como crítico nos jornais e revistas, lendo e analisando a literatura latino-americana no calor da hora, garantiram a Rama o equilíbrio necessário entre o geral e o particular, entre a estrutura e o indivíduo, como nota Vargas Llosa num ensaio escrito em 1983 e publicado como apresentação a primeira edição de *La Ciudad Letrada* e republicado na tradução brasileira

Ora, ao que parece, Rama justamente lutava contra a fragmentação que a especialização da crítica parecia estar levando às análises, insistindo no risco do provincianismo provocado pelo isolamento de uma leitura que deixasse de lado os demais aspectos da sociedade, ou que não assumisse “a complexidade, a riqueza e a variedade do processo histórico-cultural da América Latina” (Achugar, 1985, p.13). Contra isso, Rama vai defender uma concepção cultural do subcontinente dentro da ideia de “pátria grande”, na melhor tradição latino-americana², assumindo “a América Latina como um corpo vivo, provocador de tensões e lutas, as quais configuram uma identidade cultural particular” (Achugar, 1985, pp.13-14). Tal identidade teria se forjado por meio de contradições e paradoxos constitutivos do próprio espaço, fazendo dele uma totalidade, mas uma *totalidade heterogênea*, com histórias particulares, ênfases e ritmos diferentes, sem entretanto jamais se atomizar.

Nota-se assim como é difícil separar seu projeto intelectual de seu projeto político, de busca de uma identidade particular que pudesse colocar a América Latina em seu lugar no mundo, no “tronco universal” da cultura. Ou seja, seu latino-americanismo

² Desde o livro de Manuel Ugarte, *La patria grande* (1922), o termo tem sido usado por aqueles que buscaram pensar o subcontinente dentro de uma espécie de unidade político-cultural.



não seria nunca sinal de autoctonismo, ao contrário, buscava reconhecer a história da América Latina e sua constituição territorial, política e cultural, como parte da cultura Ocidental, mas portadora de especificidades que ajudavam a tensionar o próprio Ocidente³.

É nesse sentido que Rama examinaria o sistema cultural latino-americano em *A Cidade das Letras*, buscando reconhecer como esse sistema se formou para, a partir dele e de sua herança cultural, obter elementos que permitissem redesenhar a história da América Latina. O livro, portanto, é um ensaio que trata da história em busca da compreensão do presente, e mais que isso, das formas de intervenção nesse presente. Dessa forma, “letra, sociedade e cidade [são] percorridas como signos históricos de uma identidade cultural construída, precisamente, numa história e numa sociedade definidas.” (Achugar, 1985, p. 18).

O texto que serve de base ao ensaio havia sido escrito para uma conferência em Harvard em 1980, intitulada “Funcionamento do sistema literário da América Latina”. Foi a convite do historiador norte-americano Richard Morse – a essa altura um experiente latino-americanista preocupado com a história das cidades –, para participar como conferencista em um Simpósio sobre Urbanização nas Américas no 41º Congresso de Americanistas em Stanford em 1982 (onde Morse lecionava), que Rama apresentou um primeiro resumo das hipóteses que depois desenvolveria no livro.

O livro finalmente se organizou em seis capítulos, denominados como: “A cidade ordenada”, “A cidade letrada”, “A cidade escriturária”, “A cidade modernizada”, “A

³ Nas palavras de Achugar: “ser latino-americano é uma tarefa histórica e social que supõe a exigência de não nos permitirmos o simplismo e menos ainda o conformismo. É saber que a heterodoxia e a ortodoxia são formas do enigma latino-americano” (1985, p. 16). Vale lembrar que Rama idealiza e dirige a famosa Biblioteca de Ayacucho, em Caracas, Venezuela, justamente levando adiante a ideia de publicar os textos que ajudaram a definir essa América Latina. Reconhecendo a força da língua espanhola (e também do português), buscou na forma escrita não a justificação do poder, mas ao contrário, fazer da escrita a arma contra a arbitrariedade e a mitificação dos poderosos, ampliando seu espaço de uso e seus sentidos.



polis se politiza” e “A cidade revolucionada”, e já sua primeira frase introduz o leitor na temática que vai ali ser desenvolvida:

Desde a remodelação de Tenochtitlán, logo depois de sua destruição por Hernán Cortez em 1521, até a inauguração em 1960, do mais fabuloso sonho de urbe de que foram capazes os americanos, a Brasília, de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, a cidade latino-americana vem sendo basicamente um parto da inteligência, pois ficou inscrita em um ciclo da cultura universal em que a cidade passava a ser um sonho de uma ordem e encontrou, nas terras do Novo Continente, o único lugar propício para encarnar. (Rama, 1985, p. 23).

A ideia de fundo que preside toda a escritura é a de que tanto o artefato *cidade* quanto as *letras* são, ambos, elementos de dominação do território, partes de uma mesma operação de domínio engendrada pelos conquistadores sobre o território do Novo Mundo e que seria reposta historicamente ao longo dos séculos mantendo de certo modo esse “domínio”. Essa ideia percorre todos os capítulos, e Rama vai construindo sua argumentação para evidenciar como ela foi se constituindo e formando o subcontinente, numa espécie de via de mão-dupla, na qual o mundo social engendra uma literatura e essa literatura engendra o mundo social. Minha intenção é recuperar alguns pontos dos capítulos, que considero fundamentais para entender a argumentação de Rama, para ao final tentar lançar algumas questões. Então vejamos.

Em “A cidade ordenada”, Rama mostra como desde o primeiro momento de constituição da América, já nas primeiras cidades fundadas no Novo Mundo, o que ali se constrói é baseado na ideia da ordem – distante, portanto, da “cidade orgânica medieval” –, e assim, o território do Novo Mundo surgiria como o *lugar* para a plena realização também de um Novo Tempo, o *tempo* do “capitalismo expansivo e ecumênico” (Rama, 1985, p.24)⁴. Pensando na materialização disso no território, Rama afirma:

⁴ Tem interesse pensar como nesse mesmo período, anos 1970 e 1980, um autor como Immanuel Wallerstein estava desenvolvendo a teoria do “sistema-mundo”, na qual a América é compreendida como o espaço da realização do capitalismo, invertendo as leituras que viam um desenvolvimento capitalista europeu a chegar na América para uma visão que defenderia a América como a própria condição para o desenvolvimento do



O resultado na América Latina foi o desenho tipo tabuleiro de damas, que reproduziram (com ou sem plano estruturado) as cidades barrocas e que se prolongou praticamente até nossos dias. (Rama, 1985, p. 28)

Na América, continua Rama, é onde se introduz o princípio do planejamento, que o Iluminismo faz crescer, numa época que confia nas operações racionais, e que depois alcançará maior institucionalização. Mas o que é mais importante para o desenvolvimento de seu argumento é que na América:

A ordem deve ficar estabelecida antes de que a cidade exista, para impedir assim toda a *desordem*, o que alude à peculiar virtude dos signos de permanecerem inalteráveis no tempo e de seguir regendo a mutante vida das coisas dentro de rígidos marcos”. (Rama, 1985, p. 29, grifos meus).

Ou seja, Rama evidencia como desde seu princípio, na América palavra e desenho teriam sido fundamentais para fazer a cidade existir e, portanto, para a sociedade existir. Esse ponto, notado também por outro historiador das cidades, o argentino José Luís Romero, em *As cidades e as letras* (1973), é fundamental: o de que a cidade na América existe antes como forma mental e só depois como forma material, ou, dito de outro modo, na América se dá inicialmente um domínio intelectual do território, e só depois o domínio de fato, concreto:

Uma cidade, previamente à sua aparição na realidade, devia existir numa representação simbólica que obviamente só poderia assegurar os signos: as palavras, que traduziam a vontade de edificá-la na aplicação das normas e, subsidiariamente, os diagramas gráficos, que as desenhavam nos planos, ainda que com mais frequência, na imagem mental que desses planos tinham os fundadores, os que podiam correções derivadas do lugar ou de práticas inexpertas. (Rama, 1985, p. 29).

E como consequência:

capitalismo. Uma obra recente de Wallerstein dialoga mais diretamente com nosso tema, a partir da discussão dos sentidos do eurocentrismo (Ver Wallerstein, 2017)



Esta palavra escrita viveria na América Latina como a única válida, em oposição a palavra falada que pertencia ao reino do inseguro e do precário. (...) Estava livre das vicissitudes e metamorfoses da história, mas sobretudo, consolidava a ordem por sua capacidade de expressá-la rigorosamente ao nível cultural. (Rama, 1985, p. 29-30).

Sonho, projeto e desejo se confundem na realização da conquista. No entanto, se tratou mais que tudo de um sonho de ordem, e “esse sonho serviu para perpetuar o poder e conservar a estrutura socioeconômica e cultural que esse poder garantia”. (Rama, 1985, p. 32). O crítico mostra que isso teve consequências importantes, fundamentais, definidoras. Inicialmente, a de que o processo de urbanização na América teria se dado de modo inverso ao que ocorrera na Europa, onde na Idade Média o ressurgimento de cidades havia sido engendrado organicamente, desde uma dinâmica interna, ou seja, de uma dinâmica do campo surge uma dinâmica urbana. No Novo Mundo, contrariamente, a cidade é fundada antes, e depois ela engendraria o campo, numa operação quase artificial. Mas mais importante, o fato de que isso fez que seus primeiros habitantes, seres agrários europeus na sua maioria, transformassem-se em seres eminentemente urbanos, sem jamais voltar às suas tarefas primitivas. Nas suas palavras:

[na América] serão todos fidalgos, se atribuirão o dom nobiliárquico, desdenharão trabalhar com suas mãos, e simplesmente dominarão os índios que lhe são encomendados os escravos, que cumprem. Pois o ideal fixado desde as origens é o de ser urbano, por insignificantes que sejam os assentamentos de que se ocupem, ao mesmo tempo em que se lhe encomenda à cidade a construção de seu contorno agrícola, explorando sem piedade a massa escrava para uma rápida obtenção de riquezas. (Rama, 1985, p. 35-36)

A força desse sentimento urbano permaneceria daí em diante, pelos séculos seguintes. O ensaio *Facundo*, de Sarmiento, publicado em 1845 e cujo subtítulo é *civilización y barbarie*, é uma prova: ali, cidade se confunde com civilização⁵, e para submeter uma população considerada selvagem, a educação pelas letras parece o caminho acertado.

⁵ Não é demais lembrar a origem etimológica comum a ambas as palavras, que derivam do termo latino *cives*. Para uma discussão dos sentidos das palavras para a teoria social, ver Williams, 2007.



Mas Rama também mostra como no século 19 essa percepção que desprezou os que estavam fora desse sistema urbano, vistos como expressão da barbárie face à civilização da cidade, vai ser posta em xeque por exemplo por um Euclides da Cunha, que começa a duvidar da civilização quando vê a carnificina impetrada pelos civilizados em Canudos, no sertão do Brasil (Rama, 1985, p. 37). A face oculta da civilização não era agradável. É dessa maneira que Rama nessa obra mobiliza a literatura, citando algumas obras de modo a comprovar sua argumentação maior.

Na sequência, Rama vê na construção do continente, além do desenho ordenado do artefato material cidade, também as instituições como instrumentos obrigatórios para o estabelecimento dessa ordem e para conservá-la. Assim, no segundo capítulo, “A cidade letrada”, Rama mostra como, para levar adiante o projeto de dominação, foi necessário dispor de um grupo social especializado nas Letras – grupo que teria que se imbuir do espírito de desempenhar algo importante e especial, até mesmo misterioso, aproximando-lhes da função sacerdotal. Não por acaso, inicialmente são jesuítas a cumprirem tal papel, educando a elite da terra em cada uma daquelas cidades. Desse modo, dentro da cidade amuralhada haveria outro muro e outra cidade, a cidade

não menos amuralhada, e não menos porém mais agressiva e redentorista, que a regeu e conduziu (...) que devemos chamar de *cidade letrada*, porque sua ação se cumpriu na ordem prioritária dos signos, e porque sua qualidade sacerdotal implícita contribuiu para dotá-las de um aspecto sagrado, liberando-as de qualquer servidão com as circunstâncias. (Rama, 1985, p. 42).

O crítico então afirma que no centro de toda cidade houve essa outra *cidade letrada*, um anel protetor do poder e executor de suas ordens. Onde “uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores, e múltiplos servidores intelectuais” surgirão. (Rama, 1985, p. 43). Para Rama, os que manejavam a pena tinham esse poder, e o seu número foi desproporcional aos não alfabetizados, recebendo, também de maneira desproporcional, o excedente econômico. Com isso, uma imensa burocracia se instala nas cidades para se ocupar da comunicação entre a colônia e a metrópole. Dentro delas, os que se ocupam da literatura são os mesmos



que a produzem, funcionando numa espécie de circuito fechado, “pois além de girar internamente, [essa literatura] nascia do poder vice-real e voltava laudatoriamente a ele.” (Rama, 1985, p. 44)⁶.

Rama aponta duas causas para a fortaleza da cidade letrada: as *exigências da administração colonial minuciosa* para dominar o vasto território e a *exigência de evangelizar* uma imensa população indígena. Esta última seria vista como um primeiro processo de transculturação, buscando-se enquadrar essa população na aceitação de valores europeus.

Rama havia tomado a noção de transculturação do antropólogo cubano Fernando Ortiz, a partir do livro *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar* (1940), em que opunha a ideia de transculturação a de aculturação para analisar os processos de fusão cultural em cenários de desigualdade social. Se na aculturação as culturas hegemônicas assimilam elementos das culturas subalternas, na transculturação, as culturas dominantes ao se proporem assimilar as culturas dominadas também se modificam. O resultado desse processo dialético é um novo universo cultural, uma nova tradição (Aguilar, 2013, p. 42)⁷.

Ortiz criticava a concepção até então corrente da cultura cubana (e da latino-americana, pode-se ampliar a leitura) como o resultado de um mero transplante marcado pela assimilação – por nativos e africanos – de valores e costumes europeus. Segundo Ortiz, o processo havia sido bem mais complexo, e esboçava para isso ao menos dois motivos:

⁶ O tema da imensa burocracia dos países latino-americanos tornou-se quase um *topos* do ensaís-mo local, e há uma frase do livro *Ser escravo no Brasil*, de Katia Mattoso ([1979] 2003), que me parece aqui ilustrar de modo evidente a pertinência dessa ideia, quando relata as formas de controle que atuavam sobre o escravo urbano: “(...) a administração o vigiava de perto, por meio de regulamentos prolixos, de mediadas repressões policiais, de papelada de matrícula, de registros, de taxas, de certidões notariais (...)” – insistindo na profusão de papéis que o controle metropolitano faz nascer na colônia.

⁷ E Rama justamente faz essa leitura, ao ver a cultura europeia barroca como um resultado da presença europeia no Novo Mundo.



O primeiro seria o fato de que, historicamente, inúmeras culturas europeias, africanas e nativas se encontram na América Latina. Ou seja, não haveria uma estrutura binária na qual uma única cultura influenciaria a outra, o dominador e o dominado, mas sim uma constelação marcada por inúmeras ondas migratórias que, voluntárias ou não, reuniram negros da Guiné, do Congo, de Angola, do Senegal e de Moçambique com diferentes povos indígenas nativos, juntamente a espanhóis, portugueses, judeus, anglo-saxões, franceses, chineses. Ou seja, não haveria como falar em domínio da cultura ibérica sobre o nativo e ponto final.

O segundo motivo, decorrente desse primeiro, é que nesse encontro, nenhum sistema cultural poderia ser hegemônico. Isso porque cada imigrante desterrado – mesmo o europeu – passaria pelo processo traumático de perder sua cultura original e vê-la substituída por uma nova formação híbrida. Nas palavras de Ortiz:

Entendemos que o vocábulo transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste somente em adquirir uma cultura distinta, que é o que a rigor indica a expressão inglesa aculturation, [aculturação era a palavra que os antropólogos vinham usando] mas que o processo implica também e necessariamente a perda ou o desenraizamento de uma cultura precedente, o que se poderia denominar deculturação; e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que se poderiam denominar de neoculturação. (Ortiz, 1940)

Essas ideias, mas também outras leituras, dos trabalhos de outros tantos intelectuais preocupados com uma possível unidade cultural latino-americana, como o venezuelano Mariano Picón-Salas (autor de *De lo europeo a los mestizos*) e o dominicano Pedro Henriquez Ureña (que escreve *La utopia de America*), e também o contato com Darcy Ribeiro, alimentam a reflexão de Rama sobre a literatura, sobre o processo de criação de uma literatura latino-americana a integrar o subcontinente⁸.

⁸ No ensaio “Transculturación narrativa en America Latina...”, Rama investiga o surgimento – nos anos 1950 e 1960 – do que ele descreve como escritores transculturadores. Seriam escritores que evitaram a apropriação (típica da geração regionalista anterior) das culturas locais latino-americanas como curiosidades exóticas, por meio de um mergulho no *local*, em busca de “valores resistentes, capazes de enfrentar a degeneração” imposta pela modernização, identificando elementos legítimos e autônomos, dando-se conta que a cultura local resiste à pressão



Mas o mais importante aqui é notar a centralidade da cidade letrada na colônia, cujos profissionais tem papel indispensável no projeto colonizador. Papel no púlpito e na cátedra, na administração e no teatro, bem como nos gêneros literários. Função que cumpriram até o século 19, até a modernização.

Discutindo com as análises marxistas mais duras que veriam os intelectuais como executores dos mandatos das instituições, Rama nota a peculiar função de produtores, consciências que elaboram mensagens, desenhistas de modelos culturais destinados à constituição de ideologias públicas: “Não somente servem a um poder, como também são donos de um poder” (Rama, 1985, p. 48). Para Rama isso sobrevive até o século 19 e no século 20, quando ele está escrevendo, trata-se justamente de entender esse poder e pensar, a partir dele, na transformação do continente. Após analisar o uso político da literatura na estrutura colonial, Rama mostra que ela vai ocupar o lugar da religião quando esta entra em declínio no século 19. O crítico uruguaio dialoga com as ideias de Antonio Candido sobre o sistema literário, mostrando que este se forma na América Espanhola, pois se abastece internamente de sua própria tradição. Essa evolução do sistema simbólico normatiza a vida da comunidade e se opõe à fragmentação, e ao particulatismo de qualquer invenção sensível, “é uma rede produzida pela inteligência raciocinante que, através da mecanicidade das leis, institui a ordem. É a testemunha da tarefa da cidade letrada”. (Rama, 1985, p. 51).

No capítulo seguinte, “A cidade escriturária”, Rama mostra que a *cidade letrada* cuidou de estabelecer a distância em relação ao comum da sociedade. “Foi a distância entre a letra rígida e a fluida palavra falada que fez da *cidade letrada* uma *cidade escriturária*, reservada a uma estrita minoria”. (Rama, 1985, p. 54). Assim, se os conquistadores se distanciavam dos nativos por serem urbanos, eles também se distanciavam, e assim seus descendentes, por serem letrados. E Rama mostra a

assimiladora das capitais e dos portos de entrada dos valores europeus. Essa literatura encontrara no embate entre o *provinciano* e o *metropolitano* o germe de uma terceira cultura que, mesmo sendo frágil e tênue, teria características distintas tanto da realidade metropolitana quanto da local. Ou seja, o choque causado pelos valores transpostos da metrópole levaria a cultura local a se reinventar e revigorar. O tema requereria um aprofundamento que não cabe aqui.



distância entre *as letras e a ordem e a oralidade e a desordem*, para aqui resumir em duas imagens, e a consequente reverência pela escritura – algo notado por Thompson na Inglaterra bafejada pela Revolução Industrial (Thompson, 1987). Mas mais que isso, e talvez mais importante, mostra como os escritos – as leis, as normas – não emanavam da sociedade, antes buscavam enquadrá-la: para ele, esse o desencontro constitutivo “entre a minuciosidade prescritiva das leis e códigos e a confusão anárquica da sociedade sobre a que legislavam”. (Rama, 1985, p. 55). Esse *corpus* de leis é o que vai dar um lugar especial aos advogados, escrivães, escreventes e burocratas em geral após a República, de poderem definir e redefinir bens e terras.

E disso também resultou duas línguas: a escrita (da oratória, das relações protocolares) e a falada, popular e cotidianamente, utilizada na vida privada, e cuja liberdade foi identificada constantemente como corrupção, ignorância, barbarismo – identificada portanto com a plebe. Se a língua foi se transformando regionalmente, na escrita se manteve rígida, una e defensiva, frente a um meio considerado hostil.

Do meu ponto de vista esses três primeiros capítulos – “A cidade ordenada”, “A cidade letrada”, “A cidade escriturária” – constroem as bases de entendimento do que é a América Latina, seus princípios e dilemas. Nos três últimos, “A cidade modernizada”, “A polis se politiza” e “A cidade revolucionada”, parece-me, Rama acompanha a modernização das cidades a partir do século 19, para também acompanhar a transformação das Letras e das suas funções na sociedade, da sua ampliação, vendo nisso uma das possibilidades de rompimento dessa separação entre cultura erudita e cultura popular – ainda que ele não coloque nestes termos – e a possibilidade de construção de algum projeto emancipador.

Ora, se a América Latina é um espaço de produção cultural com suas marcas próprias e transculturadas, e se a literatura congrega um conjunto de processos ligados a aspectos sociais, políticos, ideológicos e estéticos, ou, na formulação de Adorno, é a historiografia inconsciente de sua época, quero crer que a literatura produzida na segunda metade do século 20 na América Latina pode trazer elementos para uma aproximação da experiência latino-americana da modernização urbana do segundo



pós-guerra, revelando em ponto pequeno as fissuras dessa modernização e a negatividade que ela carregou, e que só começariam a ser notadas no campo da arquitetura e do urbanismo a partir da década de 1970, justamente quando o projeto desenvolvimentista dos anos 1950 era deixado de lado e a chamada teoria da dependência aparece como a grande explicação para o desenvolvimento incompleto daquela sociedade.

Angel Rama foi um dos principais críticos de uma geração de intelectuais preocupada em pensar a questão da América Latina, o lugar desse continente no mundo, suas especificidades e sua potência. Sua geração, reunida em torno daquele semanário *Marcha*, foi composta de críticos empenhados na discussão e na divulgação da cultura latino-americana, defendendo a tese de que a América Latina integrada existiria, mas como *projeto*. Um projeto a ser delineado pelo trabalho intelectual. Ou seja, era necessário o trabalho do crítico para de fato se fazer ouvir e se constituir como uma unidade. Uma das grandes virtudes de Rama foi sua capacidade de elaborar análises abrangentes e sintéticas de experiências históricas variadas – comparando países tão diversos quanto o Peru e o Brasil, a Venezuela e o México.

Ao analisar o sistema cultural latino-americano, em especial o período de 1870-1900, Rama dá a devida importância para as relações entre os letrados e as estruturas de poder. É dessa perspectiva que Rama apresenta a concepção, o planejamento e a consolidação das cidades latino-americanas, buscando unir uma experiência díspar, mas ao mesmo tempo coletiva que, como vimos, ia desde a destruição da cidade de Tenochtitlán em 1521 até a inauguração de Brasília em 1960.

Referências Bibliográficas

ACHUGAR, H. Prefácio. In: RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

AGUIAR, F. e VASCONCELOS, S. G.T (Ogs.). *Ángel Rama: Literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001.

AGUIAR, F. e RODRIGUES, J. (Ogs.). *Ángel Rama: um transculturador do futuro*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2013.



CANDIDO, A., *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

MATTOSO, K. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

ORTIZ, F., *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. La Habana: Jesús Montero Editor, 1940.

RAMA, A., *A cidade das letras* (Trad. Emir Sader). São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____, *La crítica de la cultura en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985.

_____, *Transculturación narrativa em América Latina*. Montevideo: FAR, 1989.

_____, *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca, 1998.

ROCCA, P. (Org.), *Literatura, Cultura e sociedade na América Latina*. Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. UFMG/ Humanitas, 2008.

ROMERO, J. L., *América Latina: as cidades e as ideias* [1976]. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VARGAS LLOSA, M. Apresentação. In: RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

WALLERSTEIN, I. *O universalismo europeu*. São Paulo: Boitempo, 2017.

WILLIAMS, R. *Palavras-Chave. Um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.